

# QUEM SÃO E PARA ONDE VÃO OS MIGRANTES NO BRASIL? O PERFIL DO MIGRANTE INTERNO BRASILEIRO

## Who are they and where go Migrant in Brazil? The Profile of the Brazilian Internal Migrant

Wellington Ribeiro Justo<sup>(\*)</sup>  
Raul da Mota Silveira Neto<sup>(\*\*)</sup>

**RESUMO:** A partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000, o trabalho fornece evidências a respeito do perfil do migrante interno brasileiro de acordo com a região de destino. Mediante a estimação de um modelo *logit* multinomial para a decisão de migração e de escolha de região de destino, os resultados permitiram apontar as diferenças entre os migrantes e não migrantes e entre os próprios migrantes de acordo com a região de destino para todos os anos censitários considerados. Entre as evidências obtidas, mostra-se que: *i*) qualquer que seja a região de destino e o período de migração entre 1980 e 2000, o migrante brasileiro apresenta perfil distinto daquele do não migrante: é mais escolarizado, mais jovem, sobretudo do sexo masculino e provém com maior probabilidade de UF em condição social relativamente precária; e *ii*) enquanto no período 1980-1991 há elevação das diferenças entre migrantes de acordo com a região de destino, entre 1991-2000, os migrante tornam-se regionalmente mais semelhantes. O artigo reúne três seções. A primeira seção realiza uma análise da magnitude e padrão regional da migração no Brasil no período de 1980 a 2000. A segunda seção corresponde ao estudo do destino dos migrantes brasileiros por meio de análise multivariada. A seção final é dedicada às conclusões.

**Palavras-chave:** Migração, Regiões de Destino, Perfil do Migrante.

**ABSTRACT:** By using Demographic Census micro data for the years of 1980, 1991 and 2000, the work obtains evidence about Brazilian migrant characteristics for each regions of destine. The results, that derive from the estimation of a logit multinomial model that considers both the decision of migration and chose of regions of destine, point out that *i*) for any region of destine, between 1980 and 2000, the Brazilian migrant can be differentiated from non-migrant: is has a higher level of school, is younger than non-migrant, are most of them of masculine sex and comes from states in relatively economic and social bad conditions and *ii*) while during the period 1980-1991 there were more clear differences among migrants according destine regions, during the period 1991-2000 there was a tendency for these difference to disappear. The article congregates three sections. The first section carries through an analysis of the magnitude and regional standards of migration in Brazil during the period of 1980 to 2000. The second section corresponds to the study of the destination of the Brazilian migrants by means of multivariate analysis. The final section is dedicated to the conclusions.

**Key-words:** Migration, Regions of Destine, Migrant Characteristics.

---

(\*) Professor Doutor da Universidade Regional do Cariri — URCA. Rua Cel. Antonio Luiz 10026 — Pimenta — Crato (CE). *E-mail:* <justowr@yahoo.com.br>.

(\*\*) Professor Doutor da Universidade Federal de Pernambuco — CCSA — Departamento de Economia — Cidade Universitária — Recife -PE. *E-mail:* <rau.bol@com.br>.

Provavelmente motivado pelos movimentos recentes de redistribuição espacial das atividades produtivas, num ambiente de maior abertura, competição e estabilidade de preços, o fato é que, recentemente, parece haver um renovado interesse dos economistas sobre os movimentos internos migratórios no Brasil. Por exemplo, *Neto Júnior, Moreira, Araújo e Figueiredo* (2003) apontaram as principais macrotendências da migração interna brasileira no período 1950-2000. Por sua vez, *Santos Júnior, Cavalcanti e Menezes* (2005), de forma inédita, apresentaram evidências convincentes de que os migrantes internos brasileiros são, em suas habilidades produtivas, positivamente selecionados ou diferenciados em relação não migrantes. Ainda mais recentemente, as evidências obtidas por *Justo e Silveira Neto* (2006) permitiram evidenciar o papel das rendas estaduais esperadas e dos efeitos vizinhança na explicação dos destinos dos migrantes internos brasileiros.

Apesar de representar um corpo de evidências recentes importantes sobre o processo migratório brasileiro, seja porque os trabalhos fazem uso de um banco de dados incompleto espacialmente e temporalmente limitado (SANTOS JÚNIOR *et al.*, 2005) ou porque utilizam informações agregadas por unidades da Federação (NETO JÚNIOR *et al.*, 2003; JUSTO e SILVEIRA NETO, 2006), as evidências derivadas destes trabalhos não permitem responder duas questões fundamentais a respeito dos movimentos migratórios brasileiros: como os migrantes, ao longo do tempo, têm se diferenciado dos não migrantes, e como os primeiros se diferenciam entre si segundo as regiões de destino. Note-se que tais questões se revelam fundamentais em face, por um lado, das importantes alterações do ambiente econômico no período 1980-2000 e, por outro lado, das conhecidas disparidades sociais e econômicas regionais brasileiras.

Este trabalho pretende iniciar o preenchimento desta lacuna. De forma inédita, objetiva fornecer evidências que permitam caracterizar o perfil do migrante interno brasileiro de acordo com a região de destino, utilizando para tal os microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000. A utilização dos microdados dos Censos Demográficos, diferentemente daqueles das PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), permite incluir inteiramente a região Norte do país, de importância crescente como destino dos migrantes brasileiros. Adicionalmente, a consideração de três anos censitários permite capturar potenciais mudanças de individuais dos migrantes sob conjunturas bastante distintas.

Além desta introdução, o trabalho foi estruturado em mais quatro seções. Na próxima, fornece evidências sobre as magnitudes e tendências dos saldos e fluxos migratórios brasileiros no período 1980-2000. Na terceira seção, para os três anos censitários, são, primeiro, discutidos os dados e estatísticas descritivas a respeito do perfil do migrante segundo a região de destino e, segundo, apresentadas estimativas dos parâmetros de um modelo *logit* multinomial para as decisões de migrar e de escolha da região de destino. As conclusões são apresentadas na quarta e última seção do trabalho.

## **1. MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL NO PERÍODO 1980-2000: UMA BREVE DESCRIÇÃO DE SUA MAGNITUDE E DE SEU PADRÃO REGIONAL**

Com o objetivo de dimensionar a importância dos fluxos migratórios internos brasileiros, de início, a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e

2000, a Tabela 1, a seguir, apresenta, para os correspondentes anos, o total de migrantes interestaduais brasileiros e sua magnitude em relação à população do país.

**Tabela 1 — A dimensão da migração interna no Brasil — 1980-2000**

	1980	1991	2000
<b>Número de migrantes</b>	15.309.473	21.435.954	25.530.231
<b>Relação migrantes/população (%)</b>	12,9	14,4	14,9

Fonte: Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000.

Imediatamente perceptíveis a partir dos números acima, há duas evidências gerais a destacar na análise dos fluxos migratórios internos no Brasil no período 1980-2000. Primeiro, durante todo o período, e também para os dois subperíodos 1980-1991 e 1991-2000, o número de migrantes cresceu mais que a população brasileira. Como se nota, mais de 15 milhões de pessoas viviam fora de seu estado de origem em 1980, montante que atinge mais de 25 milhões e quinhentas mil pessoas em 2000, o que representa um crescimento de 66,8% durante todo o período, bem acima da taxa de crescimento populacional (em torno de 44,5%). Assim, os migrantes brasileiros têm aumentado seu peso na população brasileira.

Uma outra evidência diz respeito às diferenças observadas entre os períodos 1980-1991 e 1991-2000. Não obstante o crescimento da importância do número de migrantes na população brasileira nos dois períodos, é importante destacar o maior crescimento da população de migrantes no primeiro destes dois períodos, mesmo quando se considera o maior horizonte de tempo envolvido. De fato, enquanto entre 1980 e 1991 a população de migrante apresentou um acréscimo de 6 milhões de pessoas (taxa de crescimento anual de 3,8%), entre 1991-2000, tal população de migrantes apresenta um acréscimo de pouco mais de 4 milhões de pessoas (taxa de crescimento anual de 1,6%). Ou seja, ainda que mantendo um ritmo de expansão acima daquele verificado para a população como um todo, há uma evidente desaceleração da expansão da população de migrantes no período mais recente.

Como mostraram recentemente *Justo e Silveira Neto* (2006), ainda que fatores locais específicos afetem parte dos fluxos migratórios internos observados no país, são as diferenças regionais de oportunidades econômicas que explicam a maior parte dos movimentos interestaduais de pessoas no Brasil. Tal motivação, em conjunção com as tendências recentes de desconcentração espacial da atividade econômica no país<sup>(1)</sup>, ajuda a entender a configuração regional quanto ao saldo de migrantes apresentada na Tabela 2, a seguir.

---

(1) A este respeito, ver, por exemplo, *Silveira Neto* (2005).

**Tabela 2 — Padrão e dimensão regional da migração no Brasil — 1980-2000**

	Saldo de migrantes (mil pessoas)			Saldo de migrantes/população (%)		
	1980	1991	2000	1980	1991	2000
<b>Norte</b>	702,7	1583,7	1705,7	10,7	15,4	13,0
<b>Nordeste</b>	-4126,9	-6576,0	-8601,0	-11,9	-15,2	-17,9
<b>Sudeste</b>	1250,4	3655,8	5656,2	2,4	5,7	7,7
<b>Sul</b>	231,7	-890,2	-1310,6	1,2	-4,0	-5,2
<b>Centro-Oeste</b>	727,1	805,3	828,0	28,7	23,1	21,6

Fonte: Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000.

De acordo com as evidências de *Justo e Silveira Neto (2006)*, os números da tabela permitem identificar um padrão histórico conhecido: em termos absolutos, por um lado, a região Nordeste é a região com maior perda líquida de população (mais de 8 milhões e quinhentas mil pessoas); por outro lado, também em termos absolutos, a região Sudeste é a grande receptora líquida (saldo positivo de mais de 5 milhões e quinhentas mil pessoas). Note-se, a partir da segunda coluna da Tabela 2, além disto, que as respectivas perdas (NE) e elevações (SE) ocorrem em ritmos acima daqueles verificados para o crescimento das populações regionais. Todavia, de forma mais geral, a partir das cinco regiões consideradas, e tomando o saldo de migrantes em todos os três anos, é possível identificar três distintos padrões regionais. Primeiro, há o referido padrão nordestino de déficit crônico no fluxo de migrantes, com um saldo líquido sempre negativo. No outro extremo, as regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste são aquelas que apresentam saldos regularmente positivos. Por fim, há o caso da região Sul que, embora até 1980 tenha apresentado um saldo positivo, nos anos 1991 e 2000, junta-se ao Nordeste como região com saldos negativos de migrantes.

Não exploradas aqui por motivos de foco e espaço, é importante apontar, contudo, que há dissonâncias intrarregionais importantes aos padrões acima apontados. De fato, ainda que as regiões Nordeste e Centro-Oeste apresentem todos os seus estados com saldos, respectivamente, negativos e positivos de migrantes, nas demais regiões há estados com saldos de migrantes com sinais opostos àqueles verificados para as respectivas regiões. Em termos absolutos, o caso mais importante é de Minas Gerais, que, ainda que aponte uma tendência recente de diminuição de seu saldo negativo, apresentava um déficit crônico no saldo de migrantes, de quase 2,8 milhões pessoas, por exemplo, em 2000. Na região Sul, por sua vez, o caso do estado do Paraná explica a mudança qualitativa quanto ao saldo apresentado pela região entre os anos 1980 e 1991: com saldo positivo de mais de 1 milhão de migrantes em 1980, este estado, acompanhando o padrão verificado regularmente para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, passa a apresentar déficit no saldo de migrantes já em 1991.

Apesar de revelarem as mudanças nas magnitudes e os padrões regionais dos saldos migratórios observados no país entre 1980 e 2000, por considerarem saldos acumulados de migrantes, as evidências apresentadas acima não revelam com propriedade mudanças importantes ocorridas quanto aos destinos dos movimentos migratórios neste período, de particular interesse deste trabalho. No sentido de revelar as significativas alterações e apontar novas tendências na distribuição dos migrantes entre as regiões de destino, a Tabela 3, a seguir, apresenta, para os anos de 1980, 1991 e 2000, a distribuição dos migrantes

entre as regiões de destino considerando apenas as pessoas com até 3 anos na respectiva região de destino.

**Tabela 3 — Distribuição dos migrantes entre as regiões de destino (%) — 1980-2000**

Fonte: Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000.

	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
<b>Norte</b>	16,0	11,8	16,2
<b>Nordeste</b>	12,0	10,1	14,9
<b>Sudeste</b>	39,6	49,9	24,3
<b>Sul</b>	20,4	10,5	15,1
<b>Centro-Oeste</b>	12,9	17,7	29,5

Foram considerados os migrantes com até 3 anos na região de destino.

A partir dos percentuais para os anos polares de 1980 e 2000, é possível identificar dois diferentes padrões quanto à evolução das participações das regiões no destino final dos migrantes. Por um lado, há perda de importância das regiões mais ricas do Sudeste e Sul do país (juntas, eram destinos de 60% dos migrantes em 1980, enquanto que em 2000 tal percentual estava reduzido a 39,4%); por outro lado, as demais três regiões, mais pobres e com menores participações nos destinos dos migrantes em 1980, apresentam elevações destas participações, sendo em 2000 destinos de cerca de 60% dos migrantes.

Há, porém, também aqui, importantes diferenças entre as evoluções das participações das regiões nos períodos 1980-1991 e 1991-2000. Neste sentido, note-se que a região Centro-Oeste é a única com tendência monotônica (crescimento), contrastando com dois grupos distintos: enquanto as regiões Norte, Nordeste e Sul apresentam reduções e posteriores elevações de participações, respectivamente, entre 1980-1991 e 1991-2000, a região Sudeste apresenta elevação e depois forte redução de sua participação nestes referidos períodos. De toda a forma, é importante destacar que a substancial perda de importância da região Sudeste como destino de migrantes no período 1980-2000 ocorre exclusivamente nos anos 90 do século passado e esta se processa em meio a elevações das participações de todas as outras regiões do país. Tal fato explica a distribuição mais igualitária dos migrantes entre as regiões de destino em 2000.

Tais mudanças no padrão de distribuição dos migrantes entre as regiões de destino, ao lado das conhecidas disparidades regionais ambientais e sociais do país, sugerem não só a possibilidade de existência de diferentes perfis de migrantes de acordo com as regiões de destino, como também apontam para possíveis mudanças nestes perfis ao longo do tempo. Pouco exploradas na literatura empírica sobre migração no país, tais diferenças e potenciais mudanças são o foco de interesse deste trabalho na seção a seguir.

## **2. O PERFIL DO MIGRANTE INTERNO BRASILEIRO SEGUNDO A REGIÃO DE DESTINO**

Derivadas da relação entre as características pessoais dos indivíduos e o conjunto de atributos regionais oferecidos pelas regiões no momento da arbitragem espacial quanto à

região de residência por parte dos primeiros, presume-se que há, entre os indivíduos migrantes, diferenças de perfis de acordo com as regiões de destino, além da diferenciação dos migrantes em relação aos indivíduos não migrantes, esta já parcialmente identificada (SANTOS JÚNIOR, MENEZES FILHO e CAVALCANTI, 2005).

Tal hipótese de diferenciação do migrante de acordo com a região de destino é facilmente fundamentada nos modelos que associam a decisão de migrar às características individuais (BORJA, 1987; CHISWICK, 1999) quando se considera a influência de fatores regionais, que não a renda, no bem-estar dos migrantes (por exemplo, no espírito de *Roback*, 1982, as amenidades locais). A migração é considerada, pois, aqui ao mesmo tempo uma decisão de investimento e arbitragem entre diferentes alternativas de destino. Neste sentido, por exemplo, é de se esperar um maior peso dos jovens entre os migrantes para regiões de maiores oportunidades econômicas, dada a forte dimensão do investimento da migração nesta faixa etária, um contingente relativamente maior de pessoas idosas possivelmente deve procurar regiões com maiores amenidades climáticas.

Para formalizar tais ideias e obter uma especificação econométrica que permita a obtenção de evidências a respeito do perfil do migrante interno brasileiro de acordo com a região de destino, assume-se um modelo de escolhas não ordenadas obtido a partir da seguinte função utilidade indireta do indivíduo  $i$  na região  $j$ :

$$U_{ij} = \beta' X_{ij} + \varepsilon_{ij}, j = 0, 1, 2, \dots, n. \quad (1)$$

onde  $X$  é um vetor de variáveis que determinam ou condicionam o bem-estar nas regiões e varia de acordo com as regiões e indivíduos e  $\varepsilon$  apreende fatores não observáveis afetando o bem-estar. Se o migrante escolhe como destino uma região  $j$  particular,  $U_{ij}$  deve ser máxima entre as  $n + 1$  alternativas. As evidências a serem obtidas derivam de um modelo estatístico em que:

$$Pr ob(U_{ij} > U_{ik}) = Pr ob(\beta' X_{ij} - \beta' X_{ik} > \varepsilon_{ik} - \varepsilon_{ij}) \quad (2)$$

para toda localidade  $k \neq j$ .

Com  $Y_i$  sendo uma variável aleatória indicando a escolha do indivíduo entre as regiões de destino, como mostrou *MacFadden* (1974), se os  $n + 1$  termos aleatórios não observáveis na equação (1) forem independentes e identicamente distribuídos segundo uma distribuição de *Weibull* (único valor extremo), então a probabilidade de escolha da opção (região)  $j$  é dada pelo seguinte modelo *logit* multinomial:

$$Prob(Y_i = j) = \frac{e^{\beta_j' X_{ij}}}{\sum_{k=0}^n e^{\beta_k' X_{ij}}}, \quad j = 0, 1, 2, \dots, n \quad (3)$$

Há, ao menos, duas características a ressaltar a respeito deste modelo, fundamentais para o entendimento das evidências a serem obtidas a partir da estimação de seus parâmetros.

A primeira, como ocorre de forma geral com os modelos *logit* multinomial, diz respeito à possível diferença entre o sinal do coeficiente estimado e o efeito marginal da variável sobre a probabilidade de migração para as variáveis com diferentes valores entre os indivíduos (por exemplo, características pessoais). Especificamente, para variáveis assumindo diferentes valores para os indivíduos, os efeitos marginais podem ser obtidos como  $\frac{\partial P_j}{\partial x_i} = P_j \left[ \beta_j - \sum_{k=0}^J P_k \beta_k \right] = P_j [\beta_j - \bar{\beta}]$ , onde os parâmetros em negrito indicam vetores (e, assim, os efeitos dependem dos demais coeficientes e probabilidades).

Uma outra importante propriedade do modelo é a denominada Independência das Alternativas Irrelevantes (IAI). Assume-se que  $P_j/P_k$  sejam independentes das outras alternativas de escolha, ou seja, de que a escolha entre duas alternativas não depende do conjunto de alternativas envolvido, o que pode ser uma limitação analítica. Neste sentido, faz-se uso do teste proposto por *Hausman e McFadden* (1984), que sugere que se um subconjunto de escolha verdadeiro é irrelevante, deve ser omitido do modelo e, em seguida, verifica-se tal expediente altera sistematicamente as estimativas dos parâmetros.

Esta última propriedade é útil porque permite, por exemplo, a comparação entre os logaritmos das razões de probabilidades (*log odds ratios*) entre duas categorias (ex.: mais escolarizados/menos escolarizados) de duas diferentes regiões de destino. De acordo com o modelo da equação (3), para dois destinos,  $j$  e  $k$ , o log. da razão de probabilidades é obtida como  $\ln(P_{ij} / P_{ik}) = (\beta'_j - \beta'_k) x_i$ .

### 2.1. DADOS E ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

Para consecução dos objetivos desta seção, foram utilizadas amostras aleatórias correspondendo a 20% do número de observações dos microdados censitários. Tais amostras restringem-se aos indivíduos de 20 a 70 anos de idade, sendo considerados apenas como migrantes os indivíduos que haviam migrado até 3 anos em relação aos anos censitários. Adota-se o mesmo procedimento que *Kauhanen e Tervo* (2002) minimizando possíveis mudanças nos atributos pessoais (escolaridade, estado civil, por exemplo), uma vez na região de destino. Tais expedientes levaram aos seguintes números de observações: 1.902.524, 1.055.286 e 1.055.286 indivíduos para os anos de 1980, 1991 e 2000, respectivamente. Nestes universos, os percentuais de migrantes, para os correspondentes anos, ficaram em 3,3%, 2,70% e 2,22%<sup>(2)</sup>. Como evidências iniciais, são apresentadas, a seguir, estatísticas descritivas para o primeiro conjunto de indivíduos.

Como pode ser apreendido a partir da Tabela 4, a seguir, que apresenta as distribuições de migrantes segundo as regiões de destino e não migrantes por características pessoais (sexo, idade, escolaridade, raça, estado civil e existência de filho) e por características das unidades federativas de origem (UF deprimida/não deprimida e UF relativamente desenvolvida/relativamente não desenvolvida) para o ano 1980, as primeiras evidências sugerem significativas diferenças de perfil entre migrantes e não migrantes e dentro do próprio universo de migrantes de acordo com a região de destino.

(2) Tais percentuais são próximos àquele encontrado e utilizado por *Ezzet-Lofstrom* (2003), por exemplo, em trabalho sobre a migração interna nos Estados Unidos (em torno de 3%).

De fato, das oito características consideradas na Tabela 4, apenas quanto ao sexo e idade é possível apontar um padrão homogêneo de diferenciação entre migrantes e não migrantes, independentemente da região de destino dos primeiros. Mais especificamente, não importando a região de destino dos migrantes, estas primeiras evidências indicam que estes são, em geral, preponderantemente do sexo masculino e mais jovens que os não migrantes. Note-se que, mesmo aqui, é possível apontar diferenças importantes entre os migrantes de acordo com a região de destino. Entre estas, talvez a mais importante seja o relativamente maior peso dos jovens entre os migraram para a região Sudeste, uma evidência que, considerando a migração como um investimento, sugere a provável maior importância das oportunidades econômicas como força de atração para esta região.

Há também uma importante diferenciação entre os migrantes de acordo com a região de destino no se refere à escolaridade: enquanto os migrantes que se destinam às regiões Sul e Centro-Oeste encontram-se numa posição mais favorável quanto à escolaridade, os migrantes que se destinam ao Sudeste do país apresentam níveis relativamente mais baixos de escolaridade, o que é em grande parte explicado pela origem nordestina destes migrantes.

A diferenciação entre os migrantes segundo as regiões de destino de acordo com a escolaridade é bem menor, porém, que aquela observada no respeito à raça. Aqui, nota-se que os migrantes que se destinam às regiões Sudeste e Sul do país eram, em sua grande maioria, de indivíduos da raça branca; por outro lado, os que se destinavam às regiões Norte e Nordeste eram, em sua maioria, indivíduos pardos e negros.



**Tabela 4 — Distribuições de migrantes segundo regiões de destino e de não migrantes por características pessoais e características locais da UF de origem (%) — 1980**

		Região de destino do migrante					Não migrante
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
<b>Sexo</b>	<b>Masculino</b>	57,2	56,7	52,9	52,3	53,1	50,4
	<b>Feminino</b>	42,8	43,2	47,1	47,7	46,9	49,6
<b>Idade</b>	<b>Menos de 30 anos</b>	54,5	53,1	62,6	55,2	53,7	39,1
	<b>De 30 a 40 anos</b>	36,4	37,7	29,0	35,1	36,6	40,8
	<b>Mais de 40 anos</b>	9,1	9,2	8,4	9,7	9,7	20,1
<b>Escolaridade</b>	<b>Menos de 8 anos de estudos</b>	90,1	87,3	92,1	84,8	85,7	92,5
	<b>De 8 a 11 anos de estudos</b>	5,7	6,8	4,0	7,4	7,1	4,2
	<b>Mais de 11 anos de estudos</b>	4,2	5,9	3,9	7,8	7,2	3,3
<b>Raça</b>	<b>Branca</b>	32,1	37,9	63,2	84,1	57,2	59,6
	<b>Não branca</b>	67,9	62,1	36,8	15,9	42,8	40,4
<b>Estado civil</b>	<b>Solteiro</b>	41,1	38,9	58,0	32,9	39,8	44,3
	<b>Casado</b>	58,9	61,1	42,0	67,1	60,2	55,7
<b>Tem filho</b>	<b>Sim</b>	33,7	45,9	52,4	36,0	72,6	51,2
	<b>Não</b>	66,3	54,1	47,6	64,0	27,4	48,8
<b>UF de origem</b>	<b>Relativamente deprimida</b>	89,4	92,1	89,5	61,7	77,9	68,6
	<b>Relativamente não deprimida</b>	10,6	7,8	10,5	38,3	22,1	31,4
	<b>Relativamente desenvolvida</b>	46,9	19,8	53,2	91,2	63,6	66,7
	<b>Relativamente não desenvolvida</b>	53,1	80,2	46,8	8,8	36,4	33,3

Fonte: Censo Demográfico de 1980. Consideram-se como UFs relativamente deprimidas aquelas com renda esperada abaixo da média nacional; já são consideradas UFs relativamente desenvolvidas aquelas com IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) abaixo da média nacional.

Exceto para os migrantes que se destinam à região Sudeste, é possível observar que os migrantes para demais regiões do país apresentam-se em maior presença no estado civil de casado que os não migrantes. Tal diferenciação da região Sudeste seguramente é, ao menos em parte, explicada pela já apontada maior juventude dos migrantes que se destinam a esta região. Há diferenciações marcantes entre os migrantes segundo as regiões de destino também no que diz respeito à condição de ter ou não filho: os migrantes que se destinam ao Centro-Oeste têm, em sua grande maioria, filhos; situação oposta àquela dos migrantes que se destinam à região Norte do país.

Finalmente, nota-se uma diferenciação importante entre os migrantes de acordo com a condição econômica da UF de origem (relativamente deprimida/relativamente não deprimida): cerca de 90% dos migrantes que se destinam às regiões Norte, Nordeste e Sudeste saem de UFs relativamente deprimidas, um percentual que é de apenas 61,7% no caso dos migrantes que se destinam à região Sul. Considerando a posição da UF de origem do migrante com respeito ao IDH, tais diferenças são acentuadas, destacando-se as diferenças entre os migrantes que se destinam ao Nordeste (mais de 80% tendo como UF de origem estados de IDHs relativamente baixos) e os que se destinam à região Sul (mais de 90% tendo como UF de origem estados de IDHs relativamente altos).

Nesta subseção, as evidências obtidas acima são complementadas mediante a apresentação das estimativas dos parâmetros e dos efeitos marginais do modelo *logit* multinomial introduzido no início da seção [Equação (3)], para os três anos censitários, 1980, 1991 e 2000. Analiticamente, o novo conjunto de evidências permite observar os efeitos parciais das variáveis quando demais influências são controladas; por sua vez, a extensão da análise para diferentes anos permite observar a evolução das influências das variáveis na probabilidade de migração de acordo com a região de destino. Em todas as estimativas, os indivíduos não migrantes, ou seja, a alternativa de não migrar, são tomados como grupo de referência.

O conjunto de variáveis utilizados corresponde àquele presente na Tabela 4, apresentada na subseção anterior e são utilizadas *dummies* para as diferentes categorias. Do ponto de vista analítico, as variáveis escolaridade e idade apreendem o capital humano dos indivíduos e, sabidamente (BORJA, 1987; CHISWICK 1999), afetam a decisão de migrar em sua dimensão econômica (investimento), embora, principalmente a idade, possam condicionar a arbitragem locacional em função, por exemplo, das amenidades regionais. No caso da escolaridade, toma-se como grupo de referência os indivíduos menos escolarizados, formando-se dois grupos de referências: 8 a 11 anos de estudos (Méd\_escol) e mais de 11 anos de estudos (Alta\_escol). Para a variável idade, o grupo de referência é composto das pessoas com mais idade, sendo os seguintes os outros grupos de referência: até 30 anos (Jovem\_idad) e entre 30 a 40 anos (Meia\_idad).

Todas as demais variáveis incluídas podem ser vistas como três diferentes tipos de controles que condicionam a decisão de migração e a escolha da região de destino para indivíduos de mesma escolaridade e idade. Assim, inclusão das variáveis sexo e raça representa a introdução de controles para níveis potencialmente diferentes de discriminação entre mercados de trabalhos regionais. Para a variável sexo, omite-se para referência os indivíduos do sexo feminino; já para a variável raça, omite-se para referência os indivíduos das demais raças que não a branca.

O segundo conjunto de variáveis de controles introduzido visa a apreensão das influências das diferentes condições familiares na decisão de migrar e na escolha da região de destino. Aqui, são considerados o estado civil (omitindo-se para referência a condição de solteiro), a condição de paternidade (toma-se como referência os indivíduos sem filhos) e o grau de responsabilidade sobre o domicílio (a referência omitida é o grupo dos indivíduos que não são responsáveis pelo domicílio).

Por fim, assume-se que diferentes condições de mercado de trabalho ou econômica e de bem-estar social nas unidades da Federação de origem podem influenciar a decisão de migração e escolha da região de destino para além das características pessoais dos indivíduos. O terceiro conjunto de controles apreende, assim, as particularidades das UFs de origem correlacionadas com sua situação econômica ou com seu bem-estar social. Para estas duas condições, toma-se como referência (categorias omitidas) as UFs não deprimidas e as UFs desenvolvidas.

Na Tabela 5, são apresentadas as estimativas para coeficientes e os respectivos efeitos marginais, já em variações percentuais, do modelo *logit* multinomial da Equação (3) apreendendo a decisão de migrar e a escolha da região de destino no ano de 1980. Analiticamente útil, em todas as possibilidades, não foram rejeitadas as hipóteses de independência das alternativas irrelevantes (IAI).

Considerando primeiro as estimativas para as variáveis de capital humano, nota-se que pertencer ao grupo dos mais escolarizados (Alta\_escol) ao invés de ser do grupo dos menos escolarizados aumenta a probabilidade de migração para todas as regiões do país, um efeito mais significativo para a região Centro-Oeste: elevação de 0,87% da probabilidade de migração. Por outro lado, pertencer ao grupo de escolaridade média (Méd\_escol), ao invés de ser do grupo dos menos escolarizados, aumenta a probabilidade de migração para todas as regiões do país, exceto para a região Sudeste; para esta região há diminuição de 0,26% na probabilidade de migração. Tal resultado é importante porque diferencia regionalmente parte dos migrantes que se dirigiam ao Sudeste, mais importante destino neste período. Ao contrário da migração para demais regiões, esta região atraía indivíduos nos dois extremos quanto à escolaridade (menos escolarizados e mais escolarizados).

Com respeito à idade, aqui, os migrantes em geral se diferenciam dos não migrantes e as evidências apontam para um resultado esperado: indivíduos mais jovens e de meia-idade, em relação aos indivíduos de mais de 40 anos, apresentavam maior probabilidade de migração em 1980, resultado vinculado à estratégia de migração como investimento e que confirma o padrão da literatura empírica sobre migração (BORJAS, 1996; EZZET-LOFSTROM, 2003). O destaque é, novamente, para o impacto da condição de mais jovem na região Sudeste: pertencer ao grupo de mais jovens, ao invés de ser do grupo dos mais idosos, aumenta a probabilidade de migração em 1,6%.

De acordo com as evidências para anos mais recentes obtidas por Santos Júnior *et al.* (2005) e Justos e Silveira (2006), esta diferenciação geral do migrante em relação ao não migrante também ocorre quanto ao gênero: ser do sexo masculino aumenta a probabilidade de migração para todas as regiões, embora tal condição seja menos importante para as regiões Sul e Nordeste (elevações, respectivamente, de apenas 0,01% e 0,04% na probabilidade de migração).

**Tabela 5 — Estimativas para modelo *logit* multinomial para migração inter-regional no Brasil: 1977-1980. Variável dependente é a probabilidade de migrar para as diferentes regiões (destinos) do país**

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.
Méd_escol.	0,346* (0,042)	0,086	0,614* (0,040)	0,172	-0,28* (0,026)	-0,26	0,287* (0,033)	0,103	0,570* (0,029)	0,394
Alta_escol.	0,848* (0,050)	0,269	1,194* (0,043)	0,450	0,303* (0,027)	0,325	0,613* (0,032)	0,253	1,010* (0,029)	0,866
Jovem_idad.	0,698* (0,036)	0,156	1,206* (0,036)	0,294	1,347* (0,019)	1,619	0,968* (0,031)	0,341	1,113* (0,026)	0,671
Meia_idad.	0,509* (0,036)	0,113	0,687* (0,036)	0,154	0,589* (0,020)	0,618	0,479* (0,031)	0,157	0,573* (0,026)	0,317
Hom_Sexo	1,120* (0,027)	0,265	0,211* (0,026)	0,041	0,711* (0,012)	0,738	0,061* (0,023)	0,014	1,049* (0,019)	0,605
Bran_Raça	-0,858* (0,023)	-0,21	-0,155* (0,022)	-0,03	0,607* (0,011)	0,578	0,847* (0,025)	0,256	-0,04* (0,016)	-0,03
Filho	-0,839* (0,027)	-0,19	0,022 (0,023)	0,003	0,611* (0,011)	0,607	-0,87* (0,022)	-0,29	1,545* (0,018)	0,879
Casado	1,026* (0,024)	0,218	0,299* (0,021)	0,062	-0,56* (0,011)	-0,59	0,842* (0,021)	0,264	0,071* (0,016)	0,038
Respons.	-2,07* (0,029)	-0,46	0,143* (0,025)	0,032	-0,07* (0,013)	-0,07	-0,40* (0,025)	-0,12	0,015 (0,019)	0,012
UF_Dep.	0,924* (0,034)	0,021	0,523* (0,042)	0,632	1,562* (0,018)	0,319	0,087* (0,019)	-0,37	0,815* (0,019)	-0,08
UF_Subd.	0,100* (0,022)	0,169	1,911* (0,029)	0,097	0,306* (0,011)	1,267	-1,3* (0,032)	0,021	-0,14* (0,017)	0,371
Constante	6,53* (0,053)		-8,21* (0,057)		-7,17* (0,029)		-6,3* (0,043)		-7,74* (0,037)	
N. de obser.	1.902.524									
Pseudo R <sup>2</sup>	0,0754									
Prob > chi <sup>2</sup>	0,0000									

Fonte: FIBGE — Censo Demográfico de 1980. Todas os coeficientes estimados representam efeito em relação à condição de não migrante, tomada como referência. Desvio-padrão entre parêntesis, \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística a 1%, 5% e 10%, respectivamente. Os efeitos marginais estão em percentual. Foram realizados testes para verificar a hipótese da IAI e em todas as cinco possibilidades não foi rejeitada a IAI.

Por outro lado, quando são consideradas as estimativas para o parâmetro de raça, há evidentes diferenciações regionais: enquanto ser da raça branca eleva a probabilidade de migração para as regiões Sul e Sudeste, pertencer a tal grupo diminui a probabilidade de migração para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Um resultado que tende a reforçar o padrão racial de distribuição espacial da população brasileira. Presumivelmente, tais diferenças, que, como se mostra adiante, diminuem ao longo tempo, podem estar vinculadas a maiores dificuldades de integração social de acordo com a raça e região de destino em função, por exemplo, de mercados de trabalhos segmentados ou menos competitivos no período ou de teias prévias de relações sociais.

Há, também, diferenciações regionais quanto aos condicionamentos familiares ou domiciliares considerados. A presença de filho, que tende a gerar um conflito potencial entre a proximidade da família e a necessidade de arbitragem mais decidida no mercado de trabalho, aumenta a probabilidade de migração para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, mas diminui a probabilidade de migração para as regiões Norte e Sul, o que pode estar associado à maior distância dos estados em relação a estas duas últimas regiões. Por sua vez, a condição de casado, que potencialmente diminuiria o ímpeto de migração em sua dimensão econômica, já que pode denotar melhor condição financeira, diminui a probabilidade de migração apenas para a região Sudeste (queda 0,59% na probabilidade de

migração), o que sugere maior peso relativo da dimensão investimento/econômica na migração para esta região. Por fim, a condição de chefe do domicílio (Respons.) diminui a probabilidade de migração para as regiões Norte, Sudeste e Sul, e aumenta esta probabilidade para as regiões Nordeste e Centro-Oeste.

As evidências obtidas para as influências das condições econômicas e sociais das UFs de origem dos indivíduos (UF relativamente deprimida, UF\_Dep. e UF relativamente subdesenvolvida, UF\_subd.) apontam para resultados, em geral esperados. Ter como UF de origem um estado relativamente socialmente menos desenvolvido, ao invés de socialmente desenvolvido, eleva a probabilidade de migração para todas as regiões, e diferencia, de forma geral, o migrante do não migrante. Tal efeito é maior para região que recebia no período mais migrantes, o Sudeste: aumento de 3% na probabilidade de migração. A condição relativa estritamente econômica da UF de origem tem um efeito, porém, diferenciado entre as regiões: Ter como UF de origem um estado com renda esperada relativamente maior que a média, ao invés de relativamente maior, eleva a probabilidade de migração para as regiões Norte, Nordeste e Sudeste, mas diminui tal probabilidade para as regiões Sul e Centro-Oeste. Esta diferença, que, como se nota adiante, se mantém no tempo, pode estar relacionada à migração dos indivíduos das UFs da região Sudeste para estas duas regiões.

#### *A MIGRAÇÃO NO PERÍODO 1988-1991*

Como se notou a partir da Tabela 3, em relação ao período anterior, a migração do período 1988-1991 apresenta uma maior concentração na região Sudeste e uma elevação significativa da participação das UFs da região Centro-Oeste como região de destino, com as demais regiões perdendo importância com destinos migratórios no país. Mais especificamente, juntas, as duas primeiras regiões passam a ser destino de cerca de 68% dos migrantes brasileiros no período 1988-1991.

As evidências encontradas para este período, de forma geral, tendem a refletir tais mudanças: há uma maior diferenciação do migrante que se dirige à região Sudeste em relação aos migrantes para demais destinos, embora esta diferenciação seja menor para os que têm o Centro-Oeste como meta. Da mesma forma que obtido para o período anterior, em todas as possibilidades, também não foram rejeitadas as hipóteses de independência das alternativas irrelevantes (IAI).

De fato, a evidência mais notável com respeito às influências das variáveis de capital humano na probabilidade de migração no período 1988-1991, apresentadas na Tabela 6, a seguir, diz respeito à escolaridade: apenas para a região SE, tanto pertencer ao grupo de escolaridade média (Méd.\_escol.) como ao grupo de alta escolaridade (Alta\_escol.), ao invés de ser do grupo dos menos escolarizados, implica diminuição de probabilidade de migração (diminuições de 0,2% e 0,08%, respectivamente). Resultados em direção oposta são encontrados para as demais regiões. Por um lado, tal padrão de diferenciação sugere elevação da complementaridade produtiva entre a região SE e as demais, algo presente também no período anterior; por outro lado, o fato da probabilidade de migração para esta região ser

menor para indivíduos de mais alta escolaridade também sugere certa exaustão das oportunidades para indivíduos mais qualificados nesta região. Neste sentido, é interessante apontar o maior valor encontrado para o efeito de pertencer ao grupo de mais escolarizados, ao invés de fazer parte do grupo de menos escolarizado, para a região NE (elevação de 0,19% da probabilidade de migração).

**Tabela 6 — Estimativas para modelo *logit* multinomial para migração inter-regional no Brasil: 1988-1991. Variável dependente é a probabilidade de migrar para as diferentes regiões (destinos) do país**

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.	Coef.	E.M.
Méd._escol.	0,185*	0,024	0,444*	0,075	-0,44*	-0,22	0,005*	0,001	1,045*	0,013
	(0,049)		(0,050)		(0,026)		(0,051)		(0,041)	
Alta_escol.	0,390*	0,057	0,904*	0,192	-0,15*	-0,08	0,356*	0,089	1,358*	0,102
	(0,069)		(0,061)		(0,034)		(0,054)		(0,070)	
Jovem_idad.	1,219*	0,061	1,388*	0,114	1,872*	0,506	1,268*	0,172	4,053*	0,199
	(0,067)		(0,082)		(0,043)		(0,083)		(0,249)	
Meia_idad.	0,503*	0,172	0,766*	1,483	0,858*	0,325	0,768*	0,521	1,917*	0,199
	(0,067)		(0,081)		(0,044)		(0,082)		(0,117)	
Sexo	0,417*	0,061	0,159*	0,023	0,317*	0,169	-0,09*	-0,02	1,28*	0,071
	(0,053)		(0,056)		(0,025)		(0,054)		(0,054)	
Raça	-0,45*	-0,06	-0,48*	-0,07	0,486*	0,269	1,104*	0,237	1,023*	0,006
	(0,038)		(0,041)		(0,018)		(0,048)		(0,030)	
Filho	0,155**	0,015	-0,104	-0,01	-0,25*	-0,17	-0,047	-0,01	0,784*	-0,08
	(0,086)		(0,081)		(0,033)		(0,076)		(0,046)	
Casado	-0,39*	0,015	-0,09*	-0,02	-0,44*	-0,26	0,220*	0,031	0,686*	-0,12
	(0,042)		(0,046)		(0,020)		(0,047)		(0,023)	
Respons.	0,667*	-0,05	0,685*	0,100	-0,09*	-0,06	0,488*	0,109	1,733*	0,163
	(0,042)		(0,046)		(0,021)		(0,047)		(0,060)	
UF_Dep.	2,695*	0,746	2,063*	0,530	2,499*	3,027	-0,19*	-0,05	6,109*	0,881
	(0,048)		(0,044)		(0,021)		(0,049)		(0,191)	
UF_Subd.	-		-		-		-		-	
Constante	8,48*		-8,20*		6,80*		-7,86*		-7,18*	
	(,107)		(,111)		(,054)		(,110)		(,080)	
N. de obser.	1.020.884									
Pseudo R <sup>2</sup>	0,1177									
Prob > chi2	0,0000									

Fonte: FIBGE — Censo Demográfico de 1991. Todas os coeficientes estimados representam efeitos em relação à condição de não migrante, tomada como referência. Desvio-padrão entre parêntesis, \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística a 1%, 5% e 10%, respectivamente. Os efeitos marginais estão em percentual. Foram realizados testes para verificar a hipótese da IAI. Em todas as cinco possibilidades aceitaram-se a IAI.

Com respeito à idade, porém, as diferenciações gerais entre migrantes e não migrantes se mantêm, quaisquer que sejam as regiões de destino: em relação aos indivíduos com mais idade, tanto os indivíduos mais jovens como os de meia-idade apresentam maior probabilidade de migração. Para a categoria dos mais jovens, novamente, o destaque é o maior efeito quando o destino é a região SE: elevação de 0,51% da probabilidade de migração.

Exceto quando o destino é a região Sul, as evidências obtidas com respeito às influências da variável sexo na decisão de migração de acordo com a região de destino apontam,

de forma geral, no sentido conhecido do período anterior: indivíduos do sexo masculino apresentam maior probabilidade de migração. O resultado obtido para a região Sul pode estar associado à importância da migração originária da região SE e da potencial maior capacidade de arbitragem das mulheres desta região; como se mostra adiante, entretanto, tal resultado não se mantém no tempo.

Quanto às evidências obtidas para outra categoria sujeita à potencial discriminação no mercado de trabalho, a raça, a modificação a ressaltar em relação ao período anterior diz respeito ao perfil do migrante que se destina à região CO. Agora, pertencer à raça branca aumenta a probabilidade de migração para esta região, efeito no mesmo sentido daquele encontrado para as regiões SE e Sul, e em sentido contrário àqueles verificados para as regiões NO e NE. Tal mudança provavelmente é explicada pelo maior peso da migração para CO de pessoas originárias no SE e Sul no período.

Há, contudo, maior desacordo em relação às evidências obtidas para o período anterior no que diz respeito aos efeitos das variáveis de condicionamento familiar ou domiciliar. O fato de ter filho, agora, eleva a probabilidade de migração apenas para a região NO (elevação de 0,015%), diminuindo tal probabilidade para as regiões SE e CO, resultados que são bastante distintos daqueles encontrados para o período 1977-1980. Por sua vez, a condição de casado, que antes diminuía a probabilidade de migração para o SE, agora passa a diminuir a probabilidade de migração também para as regiões NE e CO. Por fim, ser chefe do domicílio (Respons.) aumenta a probabilidade de migração para regiões NE, Sul e CO e diminui esta probabilidade para as regiões NO e SE.

Como não foi possível diferenciar, agora, para as UFs as condições de relativamente menos desenvolvida e de relativamente economicamente deprimida, as influências das condições social e econômica da UF de origem são captadas no período 1977-1980 de forma conjunta sobre a probabilidade de migração<sup>(3)</sup>. As evidências indicam que, exceto para a região Sul, uma situação relativamente desfavorável econômica ou socialmente eleva a probabilidade de migração, e tal efeito é mais significativo para a região SE: elevação de 3% na probabilidade de migração. Um resultado, dado o conhecido maior desenvolvimento econômico da região, em sintonia com a elevação da importância da região como destino verificada no período.

#### *A MIGRAÇÃO NO PERÍODO 1997-2000*

Comparado com os dois períodos antes considerados, neste período há uma evidente tendência de desconcentração com respeito às regiões de destino dos migrantes. Destino de quase 50% dos migrantes entre 1988 e 1991, a região SE, por exemplo, passa a ser destino de apenas 24,3% dos migrantes. As demais regiões ganham espaço como destino, sendo o destaque a região CO, que passa a ser, agora, o mais importante destino dos migrantes internos brasileiros. Como se nota adiante, tal desconcentração quanto aos destinos é acompanhada de uma maior homogeneidade regional quanto às características dos migrantes. A Tabela 7, a seguir, apresenta as estimativas dos coeficientes e dos efeitos marginais das variáveis

(3) Uma UF relativamente subdesenvolvida era sempre também deprimida economicamente.

para modelo *logit* multinomial. Como verificado para períodos anteriores, aqui também, em todas as possibilidades, não são rejeitadas as hipóteses de independência das alternativas irrelevantes (IAI).

**Tabela 7 — Estimativas para modelo *logit* multinomial para migração inter-regional no Brasil: 1997–2000. Variável dependente é a probabilidade de migrar para as diferentes regiões (destinos) do país**

	NO		NE		SE		SUL		CO	
	Coef.	E,M	Coef.	E,M	Coef.	E,M	Coef.	E,M	Coef.	E,M
Méd_escol.	0,156* (0,040)	0,017	0,433* (0,041)	0,059	0,117* (0,032)	0,036	0,276* (0,040)	0,059	0,073* (0,030)	0,025
Alta_escol.	0,496* (0,055)	0,064	1,104* (0,048)	0,214	0,745* (0,038)	0,304	0,773* (0,044)	0,212	0,623* (0,036)	0,272
Jovem_idad.	1,428* (0,056)	0,217	1,347* (0,056)	0,220	1,432* (0,045)	0,606	1,057* (0,055)	0,263	1,581* (0,042)	0,796
Meia_idad.	0,852* (0,053)	0,097	0,714* (0,053)	0,089	0,765* (0,043)	0,240	0,507* (0,051)	0,102	0,827* (0,041)	0,297
Sexo	0,601* (0,039)	0,062	0,305* (0,039)	0,035	0,199* (0,031)	0,058	0,200* (0,039)	0,039	0,190* (0,028)	0,063
Raça	-0,19* (0,034)	-0,02	0,064** (0,034)	0,007	0,401* (0,027)	0,119	1,232* (0,043)	0,253	0,081* (0,025)	0,026
Filho	-0,395 (0,384)	-0,05	0,203 (0,504)	0,022	-0,347 (0,293)	-0,12	0,135 (0,503)	0,025	0,239** (0,008)	0,073
Casado	-0,28* (0,035)	-0,03	-0,07* (0,035)	-0,01	-0,09* (0,028)	-0,03	-0,010 (0,035)	-0,01	-0,011* (0,003)	0,01
Respons.	0,063 (0,038)	0,007	0,119* (0,040)	0,014	-0,014 (0,030)	-0,01	0,113* (0,040)	0,022	0,036 (0,028)	0,012
UF_Dep.	3,336* (0,058)	0,031	2,032* (0,086)	0,336	1,736* (0,060)	0,401	2,767* (0,041)	-0,19	2,840* (0,037)	-0,08
UF_Subd.	0,258* (0,052)	1,866	1,435* (0,084)	0,573	0,898* (0,060)	1,041	-1,75* (0,060)	2,001	-0,236* (0,038)	3,685
Constante	-7,86* (0,387)		-8,44* (0,506)		-6,86* (0,295)		-7,99* (0,506)		-7,29* (0,359)	
N. de obser.	1.193.304									
Pseudo R <sup>2</sup>	0,1492									
Prob > chi2	0,0000									

Fonte: IBGE — Censo Demográfico de 2000. Todas os coeficientes estimados representam efeitos em relação à condição de não migrante, tomada como referência. Desvio-padrão entre parêntesis, \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística a 1%, 5% e 10%, respectivamente. Os efeitos marginais estão em percentual. Foram realizados testes para verificar a hipótese da IAI. Em todas as cinco possibilidades aceitaram-se a IAI.

Tal maior homogeneidade é evidente quando são consideradas as estimativas para as variáveis de capital humano. Diferentemente do obtido antes para as variáveis de escolaridade, agora, para todas as regiões, inclusive o SE, ter mais de 8 anos de estudos aumenta a probabilidade de migração qualquer que seja a região de destino. Ter 12 ou mais anos de estudos (Alta\_escol.) ao invés de no máximo 8 anos de estudos aumenta, por exemplo, a probabilidade de migração para o SE em 0,3%. Há quanto à escolaridade, portanto, uma aproximação entre os perfis dos migrantes regionais, o que provavelmente pode ser explicado pelas maiores exigências dos mercados de trabalho regionais.

Como nos períodos anteriores, também para este período mais recente ter menos de 40 anos eleva a probabilidade de migração, qualquer que seja a região de destino. O maior efeito é encontrado para a categoria dos mais jovens (menos de 30 anos, Jovem\_idad.) quando o destino é a região CO: ter menos de 30 anos, ao invés de mais de 40 anos, eleva a



probabilidade de migração para esta região em 0,79%, o que sugere a maior importância da dimensão econômica/investimento na migração para esta região<sup>(4)</sup>.

Como verificado para a migração no período 1977-1980, ser do sexo masculino também eleva a probabilidade de migração para todas as regiões. Tal maior homogeneidade também se verifica para a categoria raça. Agora, exceto quando o destino é a região NO, pertencer à raça branca eleva a probabilidade de migração para todas as demais regiões. O fato de, agora, isto também acontecer para a região NE, região de maior contingente relativo de pardos e negros, representa uma mudança importante em relação aos anos anteriores e sugere a elevação da importância dos migrantes oriundos das regiões SE e Sul. De fato, em relação ao período 1986-1991, nos cinco anos entre 1995 e 2000, o número de migrantes do SE e Sul que tinham o NE urbano como destino aumentou cerca de 13,3%, bem acima do crescimento do total de migrantes destas duas regiões que se dirigiram para o setor urbano das demais regiões do país (em torno de 4%).

Quanto aos efeitos das variáveis de condicionamento familiar ou domiciliar, nota-se que o fato de ter filho afeta, agora, apenas a probabilidade de migração para o CO (aumento de 0,07% na probabilidade de migração), não diferenciando o migrante para demais regiões do não migrante. Tal resultado, em parte, provavelmente pode ser explicado pelo relativo menor número de filhos das famílias no período. O fato de os casamentos ocorrerem em idade relativamente mais avançada, o que significa maior probabilidade de se estar inserido satisfatoriamente no mercado de trabalho, também parece ser parte da explicação para a influência da condição de casado na migração: exceto para a região Sul, estar casado diminui a probabilidade de migração para todas as demais regiões. Por fim, nota-se que a condição de ser chefe de família afeta apenas a probabilidade de migração do migrante que se destina às regiões NE e Sul, não diferenciando o migrante para demais regiões do país do não migrante. De toda a forma, também para este conjunto de variáveis, percebe-se maior homogeneidade nas características que diferenciam os migrantes para diferentes regiões do país do não migrante.

O padrão de influência das características das UFs de origem na migração, de acordo com a região de destino, para este período mais recente é bastante semelhante àquele verificado para o período 1977-1980. Pertencer a uma UF de origem economicamente menos próspera aumenta a probabilidade de migração para as regiões NO, NE e SE e diminui a probabilidade de migração para o Sul e CO do país. Já pertencer a uma UF em condições sociais relativamente desvantajosas aumenta a probabilidade de migração para todas as regiões do país. Percebe-se que, aqui, mais uma vez tomando o lugar antes do SE, o maior efeito é encontrado para a região CO (elevação de 3,7% na probabilidade de migração).

## *CONSOLIDAÇÃO*

As evidências a respeito do perfil do migrante regional brasileiro apresentadas para três diferentes períodos permitem uma série de inferências adicionais. Por razões de espaço, apenas duas destas são destacadas aqui.

---

(4) Note-se que, nos dois períodos anteriores, tal efeito era maior para a região SE, o que sugere a perda de posição desta região em relação às maiores oportunidades econômicas.

A primeira evidência a destacar diz respeito aos movimentos de elevação e diminuição das diferenças entre os migrantes de acordo com a região de destino que acompanham, respectivamente, a elevação e diminuição da concentração regional quanto aos destinos dos migrantes. Assim, enquanto entre 1980 e 1991 o movimento de aumento da importância do SE como região de destino dos migrantes é acompanhado de maior diferenciação entre os migrantes de acordo com a região de destino, a desconcentração quanto aos destinos verificada entre 1991 e 2000 se dá em meio a uma tendência de maior homogeneidade do migrante segundo as regiões de destino.

Um segundo ponto a merecer destaque diz respeito às mudanças mais importantes no tempo quanto ao perfil do migrante brasileiro. Para evidenciá-las, na Tabela 8, a seguir, são apresentados os diferentes perfis regionais obtidos a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2000.

**Tabela 8 — Perfil do migrante regional brasileiro — 1980 e 2000**

	<b>Censo demográfico 1980</b>	<b>Censo demográfico 2000</b>
<b>Escolaridade</b>	<b>NO, NE, Sul e CO:</b> alta e média <b>SE:</b> alta e baixa	<b>Todas as regiões:</b> alta e média
<b>Idade</b>	Todas as regiões: <b>jovem</b>	Todas as regiões: <b>jovem</b>
<b>Sexo</b>	<b>Todas as regiões:</b> homem	<b>Todas as regiões:</b> homem
<b>Raça</b>	<b>SE e Sul:</b> Branca <b>NO, NE, CO:</b> Não branca	<b>NE, SE, Sul e CO:</b> Branca <b>NO:</b> Não branca
<b>Filho</b>	<b>SE e CO:</b> sim <b>NO e Sul:</b> não	<b>CO:</b> sim
<b>Casado</b>	<b>NO, NE, Sul e CO:</b> sim <b>SE:</b> não	<b>NO, NE, SE e CO:</b> não
<b>Responsável pelo domicílio</b>	<b>NE:</b> sim <b>NO, SE e Sul:</b> não	<b>NE e Sul:</b> sim
<b>UF relativamente deprimida</b>	<b>NO, NE, SE e CO:</b> sim <b>Sul:</b> não	<b>NO, NE, SE e CO:</b> sim <b>Sul:</b> não
<b>UF relativamente subdesenvolvida</b>	<b>Todas as regiões:</b> sim	<b>Todas as regiões:</b> sim

Fonte: IBGE — Censos Demográficos de 1980 e 2000. A ausência de uma região em qualquer categoria indica efeito estatisticamente não significativo desta variável sobre a probabilidade de migração.

De forma geral, a desconcentração regional quanto aos destinos dos migrantes verificada entre 1980 e 2000 foi acompanhada da elevação e homogeneidade quanto à escolaridade do migrante, da continuidade na maior presença de homens e jovens, de maior presença de pessoas da raça branca, da perda de importância da presença de filho, da mudança de impacto positivo para negativo da condição de ser casado e da perda de importância da condição de ser chefe do domicílio e da continuidade dos efeitos positivos sobre a migração de condições econômica e social desfavoráveis nas UFs.

Neste quadro de mudanças, é interessante apontar que, de forma geral e de acordo com as variáveis consideradas, o perfil do migrante que se destina à região mais pobre do país, o NE, torna-se bastante próximo àquele do migrante que se destina à região mais rica do país, o SE.

### 3. CONCLUSÕES

Do que é conhecido pelos autores, este trabalho representa um esforço inédito na literatura empírica sobre migração no Brasil. A partir da utilização dos microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000, obteve-se um amplo conjunto de evidências a respeito do perfil do migrante brasileiro de acordo as regiões de destino.

De forma geral, os resultados indicam que, qualquer que seja a região de destino e o período de migração entre 1980 e 2000, o migrante brasileiro apresenta perfil distinto daquele do não migrante: é mais escolarizado, mais jovem, sobretudo do sexo masculino e provém com maior probabilidade de UF em condição social relativamente precária.

Há, contudo, diferenciações importantes no tempo e entre os migrantes de acordo com as regiões de destino. Como se observou, enquanto se eleva a participação do SE como destino do migrante entre 1980 e 1991, há uma tendência de maior diferenciação entre os migrantes de acordo com a região de destino (ex.: os migrantes para esta região passam a ser relativamente menos escolarizados do que migrantes que escolhem outras regiões do país); por outro lado, a desconcentração regional com respeito aos destinos verificada entre 1991 e 2000 é acompanhada de maior homogeneidade entre os perfis regionais dos migrantes.

### REFERÊNCIAS

BORJAS, George J. Self-selection and the earnings of immigrants. *American Economic Review*, 77, p. 531-553, 1987.

\_\_\_\_\_. *Labor economics*. New York: McGraw Hill, 1996.

CHISWICK, Barry R. Are Immigrants favorably self-selected? *American Economic Review*, n. 89 (2), p. 181-185, 1999.

CLARK, David E.; HERRIN, William E.; KNAAP, Thomas A.; WHITE, Nancy. E. Migration and implicit amenity markets: does incomplete compensation matter? *Journal of Economic Geographic* (3), p. 289-307, 2003.

CLARK, Ximena; HATTON, Timothy J.; WILLIAMSON, Jeffery. G. Where do US immigrants come from? Policy and sending country fundamentals, *NBER Working Paper*, n. 8998, 2002.

CUSSHING, Brian; POOT, Jacques J. Crossing boundaries and borders: regional science advances in migration modeling. *Papers in Regional Science*, 83, p. 317-338, 2004.

EZZET-LOFSTROM, Roxanne. Out-migration decisions: the role of regional amenities. *Political Economy Working Paper*, n. 7, p. 1-27, 2003.

HAUSMAN, Jerry A.; McFADDEN, Daniel L. A specification test for multinomial logit model. *Econometrica*, 52, p. 1219-1240, 1984.

JUSTO, Wellington Ribeiro; SILVEIRA NETO, Raul Mota. Migração inter-regional no Brasil: Evidências a partir de um modelo espacial. *Economia*, v. 7 (1):163-187, 2006.

McFADDEN, Daniel L. Conditional logit analysis of quantitative choice analysis. In: ZAREMBKA, Paul (ed.). *Frontiers of econometrics*. New York: Academic, 1974.

NETO JUNIOR, José Luis Silva; MOREIRA, Ivan Targino; ARAÚJO, A. F. V.; FIGUEIREDO, Erik A. Migrações e acumulação de capital humano: uma análise do período de 1950-2000. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 34, n. 3, p. 379-404, 2003.

ROBACK, Jennifer. Wages, rents and the quality of life. *Journal of Political Economy*, 90, 1257-1288, 1982.

SANTOS JÚNIOR, Enestor Ros; MENEZES-FILHO, Naércio; FERREIRA, Pedro Cavalcanti. Migração e seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 35, n. 3, p. 299-332, 2005.

SILVEIRA NETO, Raul Mota. Concentração industrial regional, especialização geográfica e geografia econômica: evidências para o Brasil no período 1950-2000. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 36, n. 3, p. 189-208, 2005.